
Interseccionalidade de classe, gênero e raça nas crônicas de “Pepita” no jornal *O Exemplo* (1904)

Hellen dos Santos Moreira¹, Dra. Maria Angélica Zubaran²

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Inglês e Literaturas da Língua Inglesa da Ulbra, ² Orientadora, professora do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação

Resumo

A história do protagonismo de mulheres negras na luta pelos seus direitos, apesar de central na história do Brasil é um tema ainda pouco estudado. Nesta perspectiva, este estudo investiga as narrativas de uma das precursoras da luta por direitos das mulheres negras no Rio Grande do Sul, a jovem Sophia Ferreira Chaves, pseudônimo “Pepita”, como assinava suas crônicas no jornal de imprensa negra *O Exemplo no início do século XX*. Neste sentido, o objetivo central dessa pesquisa é visibilizar o protagonismo de “Pepita” e analisar suas principais pautas e reivindicações a partir da interseccionalidade de classe, gênero e raça. Entende-se que suas crônicas são uma contribuição relevante para estudos sobre as mulheres negras e a campanha pela instrução na imprensa negras no Rio Grande do Sul. Busca-se assim, contribuir para o reconhecimento e a valorização da história, da cultura e das lutas das mulheres negras na luta contra o racismo e pela educação da comunidade negra.

Palavras-chave: Sophia Chaves, *O Exemplo*, Estudos Culturais, Interseccionalidade.

Abstract

The history of the protagonism of black women in the fight for their rights, despite being central in the history of Brazil, is a subject that has still been little studied. In this perspective, this study investigates the narratives of one of the precursors of the struggle for black women's rights in Rio Grande do Sul, the young Sophia Ferreira Chaves, pseudonym "Pepita", as she signed her chronicles in the black press newspaper *O Exemplo* at the beginning of the 20th century. In this sense, the main objective of this research is to make visible the protagonism of “Pepita” and to analyze its main guidelines and claims based on the intersectionality of class, gender and race. It is understood that her chronicles are a relevant contribution to studies on black women and the campaign for education in the black press, in Rio Grande do Sul. The aim is thus to contribute to the recognition and appreciation of the history, culture and struggles of black women in the fight against racism and for the education of the black community.

Keywords: Sophia Chaves, *O Exemplo*, Cultural Studies, Intersectionality

Introdução

Pacheco e Nogueira (2016), destacam que feministas e intelectuais negras brasileiras possibilitaram, nas últimas décadas, um conjunto de pesquisas sobre a construção de identidade de mulheres negras no Brasil, abordando as várias formas de resistência histórica, cultural e política na educação e nas artes, e suas contribuições como

portadoras e partícipes da constituição e preservação dos valores civilizatórios africanos na sociedade brasileira. Nesse sentido, destaca-se alguns trabalhos relevantes para o estudo da história das mulheres negras no Brasil.

Entre outros, o livro de Schumann Schumacher e Vital Brazil (2013), *Mulheres Negras no Brasil*, e o livro organizado pela historiadora Giovana Xavier, *Mulheres Negras*, cujas análises são relevantes para a presente pesquisa, que tem como objetivo central

visibilizar e analisar as crônicas de Sophia Chaves, pseudônimo “Pepita”, que assim assinava suas crônicas, no jornal de imprensa negra *O Exemplo*, no início do século XX. O jornal *O Exemplo* surgiu em Porto Alegre no final do século XIX, em 1892 e, com algumas interrupções, circulou até 1930. Esse periódico, fundado e produzido por negros, foi o primeiro registro impresso da história da comunidade negra rio-grandense e possui inestimável valor histórico e cultural para o acesso às memórias e histórias de negros (as) no pós-abolição. A seguir reproduzimos o acróstico com o nome do jornal no centro e de seus articulistas nas linhas horizontais, incluindo o nome de Sophia Chaves, a “Pepita”.

Figura 1 – Acróstico com nome dos articulistas do jornal *O Exemplo*.



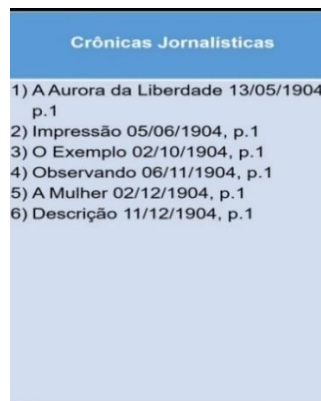
Fonte: jornal *O Exemplo* (1904), p. 4.

Na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, considera-se que a imprensa negra produz e dissemina pedagogias culturais, valores e modelos de comportamento que contribuem na formação de subjetividades e identidade negras. Nesta direção, Tomaz Tadeu da Silva (2001) afirma que, tal como a educação, outras instâncias culturais também são pedagógicas, também possuem pedagogias, também ensinam coisas. O autor afirma que tanto a educação como a cultura estão envolvidas em processos de formação de sujeitos (SILVA, 1999, p. 139). Nessa perspectiva, José Antônio dos Santos (2003) destacou em seu estudo sobre o jornal negro *A Alvorada*, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, que um dos objetivos da imprensa negra no pós-abolição foi disseminar, de forma pedagógica, modelos e regras de comportamento para a comunidade negra, a fim de prepará-los para a inclusão social à nação.

No caso das crônicas de “Pepita” publicadas no jornal *O Exemplo*, entende-se que tenham contribuído para a construção de identidades de mulheres negras, na medida em que difundiram

ideais de instrução e incentivaram a leitura como indispensável para a formação das mulheres da comunidade negra de Porto Alegre. Listamos abaixo as crônicas de “Pepita” publicadas no jornal *O Exemplo*, em 1904.

Figura 2 – Título das crônicas de Pepita postado no jornal *O Exemplo*. (1904)



Fonte: PPGECIM Ulbra Canoas

Portanto, vale destacar que as contribuições de mulheres negras na imprensa negra gaúcha, apesar de minoritárias, foram fundamentais para marcar seu protagonismo na imprensa negra, no início do século XX.

Neste sentido, destaca-se que a relevância da presente pesquisa se articula às demandas educacionais manifestas nas Ações Afirmativas no Brasil, particularmente, na Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o estudo, o reconhecimento e a valorização da história, da cultura e das identidades negras. Destaca-se também a importância das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino das Relações Étnico-Raciais no Brasil (2004) e a Lei nº 12.987/2014, que instituiu a data de 25 de julho como Dia Nacional de Tereza de Benguela e das Mulheres Negras no Brasil.

Materiais e Método

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa e documental, realizada a partir da leitura e análise de cópias digitais do periódico de imprensa negra *O Exemplo*, disponível na Ulbra, <http://www.ppgecim.ulbra.br/oexemplo/>. Entre as crônicas assinadas por “Pepita”, selecionamos quatro crônicas publicadas no ano de 1904, quando seu esposo, Tácito Pires, era o redator do jornal, o que certamente contribuiu para a publicação de suas crônicas. De acordo com Perussato (2018),

Tácito Pires era militante socialista e professor, e Sophia Ferreira Chaves, sua esposa, era literata e professora. Também Rosa (2014), a partir do jornal *A Federação*, afirma: a “professora pública D. Sophia [Ferreira] Chaves” – que redigia nas páginas d’*O Exemplo* como “Pepita” era “casada com o também professor público Tácito Pires”.

Abaixo reproduzimos um dos primeiros exemplares do jornal *O Exemplo*.

Figura 3 – *O Exemplo* em 1892, um dos primeiros exemplares.

“A imprensa porto-alegrense cumprimenta e pede um lugar em seu seio”



Fonte: PPGECIM Ulbra Canoas

Figura 4 – Em 1904, o jornal *O Exemplo* volta a circular após breve interrupção, homenageando Aurélio Viríssimo de Bittencourt, um dos fundadores do jornal *O Exemplo*.



Fonte: PPGECIM Ulbra Canoas

Neste exemplar, “Pepita” publicou sua primeira crônica, intitulada “A aurora da liberdade”, cujo título pode-se observar na coluna à direita.

Quanto ao aporte teórico dessa pesquisa, combinam-se questões postas pelo campo dos

Estudos Culturais com aportes do feminismo negro. Do campo dos Estudos Culturais nos apropriamos dos conceitos de identidade e diferença, conforme abordados por Stuart Hall, Kathleen Woodward e Tomaz Tadeu da Silva. Quanto às contribuições do feminismo negro utilizamos o conceito de interseccionalidade de classe, gênero e raça, conforme as contribuições de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) e Carla Akotirene (2017).

O conceito de interseccionalidade, que foi sistematizado pela feminista negra estadunidense Kimberle Crenshaw, aponta para um alargamento das análises sobre as opressões vivenciadas pelas mulheres negras e leva em conta uma pluralidade de marcadores sociais da diferença, tais como classe, gênero e raça, que pretendemos considerar nesta pesquisa.

Vale destacar que essas teóricas assumem que se trata de uma teorização derivada de tensões próprias ao campo dos feminismos e particularmente do feminismo negro, que refutam a partição das categorias sociais e a hierarquização dos eixos de diferenciação social. Ou seja, não se pode separar ou hierarquizar as diferentes categorias sociais que nos atravessam de forma interseccional, mas estudar de que forma se interseccionam. Vale salientar ainda, que o conceito de interseccionalidade rompe com as hierarquias e os binarismos entre as categorias sociais. Portanto, gênero e raça são inseparáveis. Raça não pode ser separada de gênero e gênero não pode ser separado de raça em uma análise interseccional. Ambos estão entrelaçados.

Também foram relevantes para essa pesquisa os artigos da Maria Angélica Zubarán, sobre o jornal *O Exemplo*, “O acervo do jornal *O Exemplo* (1892-1930): patrimônio cultural afro-brasileiro” e “Produzindo e Educando Mulheres Negras no Jornal *O Exemplo*”, a tese de doutorado de Marcus Vinícius Rosa, “Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante a pós-abolição (1884-1918)”, 2014 e a tese de doutorado de Melina Perussato, “Arautos da Liberdade: Educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal *O Exemplo* de Porto Alegre (1892- 1911)”. Estes últimos estudos destacaram a trajetória de Sophia Chaves no jornal *O Exemplo*.

Resultados e Discussão

Entre as questões que esta pesquisa contempla destacam-se: Quais eram as principais pautas das crônicas de “Pepita”? De que forma a

interseccionalidade de classe, gênero e raça atravessa suas narrativas? Como a autora constrói sua identidade nessas crônicas?

Entre os resultados obtidos salienta-se nas crônicas “5 de outubro”, “Observando”, “Descrição” e “As mulheres”, os sentimentos atribuídos à escravidão e a abolição do 13 de maio, a interseccionalidade de classe, gênero e raça e a defesa da instrução para a comunidade negra, conclamando às mulheres à luta pela instrução. Neste sentido, destaca-se a seguir excerto da crônica “Aurora da Liberdade”, em que sobressaem os significados atribuídos à escravidão e à abolição do 13 de maio:

A noite era a injustiça tremenda, a feia escravidão; a lua era o princípio de liberdade inato ao povo americano, oculto pelo véu negro de uma instituição implantada e mantida pela força; o trovão retumbante e as lágrimas representam os soluços e os prantos dos infelizes escravos, e a aurora sublime, o dia delicioso perfumado pelas verduras e saudado pelos pássaros, é o 13 de Maio de que o veículo matutino inscreve no céu da pátria Abolicionismo! e a brisa, nas frondas de nossas gigantescas arvores, ia dizendo Liberdade!

Pepita usou de metáforas relacionadas à natureza para atribuir significados à escravidão e à liberdade e associou a escravidão à noite feia e à injustiça e a abolição do 13 de maio à aurora sublime e perfumada, o que, de certa forma, nos revela os atravessamentos e sentidos atribuídos por essa mulher negra à escravidão e a abolição.

As referências às opressões de gênero estão expressas na crônica “5 de outubro”, quando se coloca em deslocamento, “saindo da penumbra do [seu] recolhimento” e da “obscuridade do claustro onde tinha [se] encerrado. Assim se manifesta:

Quando, há dois anos, a ideia da publicação d’O Exemplo reuniu um grupo de esforçados batalhadores, eu saindo da penumbra do meu recolhimento, da obscuridade do claustro de minhas cogitações, onde me tinha encerrado, fui a primeira a saudar, desse mesmo lugar, esse grupo de homens fortes pela tenacidade que iam tomar sobre os ombros o peso de uma tarefa tão árdua (...) Ora, teríamos a lamentar a interrupção da publicação desse órgão, para o qual deveriam convergir todos os nossos esforços, pelo

qual deveríamos envidar toda nossa dedicação, pois que ele achava-se só na defesa de nossa classe e no incitamento à ilustração dos “nossos”. “5 de outubro”, 1904, O Exemplo.

No último trecho do excerto, Pepita refere-se à campanha do jornal pela instrução da comunidade negra de Porto Alegre e constrói laços de pertencimento com seus colegas de jornal, quando se identifica com eles, referindo-os como os “nossos”, demonstrando a intersecção da raça na construção da sua identidade.

Na crônica “Observando”, Pepita volta a conclamar a comunidade negra para lutar pela instrução quando afirma: “Quebrems a inércia e retomamos a nossa atividade e façamos alguma coisa pelo melhoramento intelectual da nossa classe.” “Observando”, 1904, O Exemplo.

Na coluna intitulada “Às Mulheres”, Pepita menciona a luta pela defesa da instrução das mulheres, fazendo apelo “à guerra contra a ignorância” e para “trocarem os espelhos pelos livros”.

*Há, entretanto, no meio social quem poderia com coragem consumir as obras que os homens por falta de animo abandonam e, com sua desmentida perseverança, com seu caráter tão doce quanto um sofredor, calcando essa repulsa e desvalimento levá-las ao fim. Esse alguém é a **mulher** que poderia imitando as heroínas de outrora, tornar-se a Joana d’Arc na guerra que movemos contra a ignorância. [...] Ah! As mulheres hoje! A vaidade as ocupa de mais, para que pensem em coisas uteis, embriagadas com os deleites, perdidas nos perfumes dos salões, acostumados seus ouvidos as lisonjas que a cada passo lhes são repetidas, dormem sonhando com os enfeites(...). Avante! Vontade e perseverança seja nosso lema! Aguardemos a ocasião e, ao primeiro brado de – alerta! Troquemos os espelhos pelos livros e façamos alguma coisa em prol dos nossos! “As Mulheres”, no jornal O Exemplo, 1904.*

Pepita evoca a imagem de Joana d’Arc, lembrada na história pelo seu papel relevante na Guerra dos Cem Anos, para conclamar as mulheres à “guerra” contra a ignorância. Nesta mesma crônica, “Pepita” se refere às opressões de classe que marcavam e ainda marcam a vida dos brasileiros pobres, em especial

da comunidade negra, quando refere “o desvalimento que tem a nossa classe” e “a repulsa que o homem pobre encontra em toda a parte” e ainda, quando coloca em lados opostos “dois grupos: os protegidos e os repelidos”. Assim escreve:

Em consequência do imenso desvalimento que tem a nossa classe e da repulsa que o homem pobre encontra em toda parte, quer na vida silenciosa da família, quer no opulento meio social, ele recebe sempre esses golpes terríveis, que ferem seus direitos naturais e civis e que destroem a igualdade do gênero humano. Apesar de que todos tivemos uma mesma origem, estamos, no entanto, divididos em dois grupos protegidos e repelidos.

A colaboração das mulheres negras na luta pela instrução foi reconhecida pelo colaborador do jornal, Arthur Rocha, médico e músico negro, que assim manifestou-se:

[...] Por isto são dignas de elogios estas corajosas senhorinhas, que compreendendo a grande necessidade da instrução, que, desprezando este injustificado indiferentismo que existe [...] vem marcar uma nova era de engrandecimento em um meio que infelizmente vive ainda em sua mor parte, sob as trevas cruéis da ignorância. (O Exemplo, 27/02/1910 p.1).

O excerto demonstra o envolvimento de mulheres negras na defesa da instrução da comunidade negra porto-alegrense, apesar do contexto marcado pelo analfabetismo, pelos preconceitos e discriminações raciais, que dificultavam a integração e a mobilidade social de negros e negras no Rio Grande Sul, no pós-abolição, na primeira década do século XX. No entanto, como registra Marcus Rosa, apesar das adversidades, a professora Sophia defendeu a instrução como meio de ascensão social e conclamou a “mocidade” para não cair em “desânimo”, mas mergulhar “no vasto mar da instrução” (ROSA, 2014).

Conclusões

A presente análise contribui para visibilizar o protagonismo de mulheres negras na imprensa negra gaúcha já no início do século XX, época em que as opressões de gênero e raça eram tão

significativas, que muitas narrativas ficaram invisibilizadas e muitas vozes foram silenciadas.

Por outro lado, salienta-se que o conceito de interseccionalidade de classe, gênero e raça contribui para demonstrar o entrecruzamento simultâneo de diferentes categorias sociais de opressão nas crônicas de “Pepita”, no jornal *O Exemplo*, demonstrando as múltiplas desigualdades sociais que as mulheres negras sofriam no início do século XX e que ainda persistem na atualidade.

Destaca-se ainda, que a escrita de “Pepita” confirma a importância da mídia alternativa como um espaço de resistência e de construção de identidades negras e, neste caso particular, das mulheres negras, que embora em um contexto de extremas restrições abriam brechas para se posicionar na luta pelos seus direitos e a construção de identidades étnico-raciais afirmativas como mulheres negras.

Por fim, este estudo é de suma importância para visibilizarmos a história de mulheres negras, que como “Pepita”, foram capazes de abrir brechas em nome de muitas outras mulheres negras invisibilizadas pelas opressões interseccionais de classe, gênero e raça. Certamente, entre as pedagogias culturais mais relevantes produzidas e disseminadas pelas crônicas de “Pepita” está o destaque dado à instrução como alternativa para as mulheres negras conquistarem ascensão social e lugares sociais dignos na sociedade gaúcha de forma a serem lembradas de modo positivo. Assim escreve “Pepita”: “de nós falar-se-á assim: foi estudiosa e instruída e será ilustrada”.

Por último, vale destacar que essa pesquisa é também relevante para as lutas de mulheres e jornalistas negras no presente, para lembrá-las de que suas lutas por direitos “vêm de longe” e que continuam necessárias no presente, daí a importância de seguirem os passos das mulheres negras que lhes antecederam no pós-abolição.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte. Letramento, 2017.

ALVES, Miriam. *A Literatura Negra Feminina No Brasil: pensando a existência*. Revista ABPN. v.1, nº 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

ASSIS, Dayane N. Conceição de (Nzinga Mbandi). *Gênero, Sexualidade e Educação*. E-book, Salvador, 2019.

ATOLINI, Thanise Guerini e Maria Angélica Zubarán. A Contestação aos Preconceitos Raciais na Instrução e a Campanha contra o analfabetismo: O protagonismo de Intelectuais Negros na Imprensa Negra. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 33, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill e BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Editora Boitempo. 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos; NOGUEIRA, Martha Maria Brito. Mulher negra: interseccionando gênero, raça, classe, cultura e educação. **Revista UNEB**. v. 25, n.45, p. 89-99, jan./abr. 2016.

PERUSSATO; Melina. **Arautos da Liberdade: Educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892- c. 1911)**. Tese de doutorado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, 2018.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante a pós-abolição (1884-1918)**. Tese de doutorado, Unicamp, 2014.

SCHUMACHER, Schucman; Érico Vital. **Mulheres Negras no Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013. Cobogó, 2019.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa**. Pelotas (1907-1957). Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis v. 2011.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio (Org.) **Mulheres negras no Brasil escravista e pós-emancipação**. São Paulo, Selo Negro, 2012.

ZUBARAN, MARIA ANGÉLICA. O acervo do jornal *O Exemplo* (1892-1930): patrimônio cultural afro-brasileiro. **Revista Memória em Rede**, Pelotas/RS. V. 7, N. 12 (2015).

ZUBARAN, Maria Angélica; VARGAS, Juliana; CAMARATA, Cristina Bahia. Produzindo e Educando Mulheres Negras no Jornal *O Exemplo*. **Educação Unisinos**. v.23, n. 1, janeiro-março 2019.